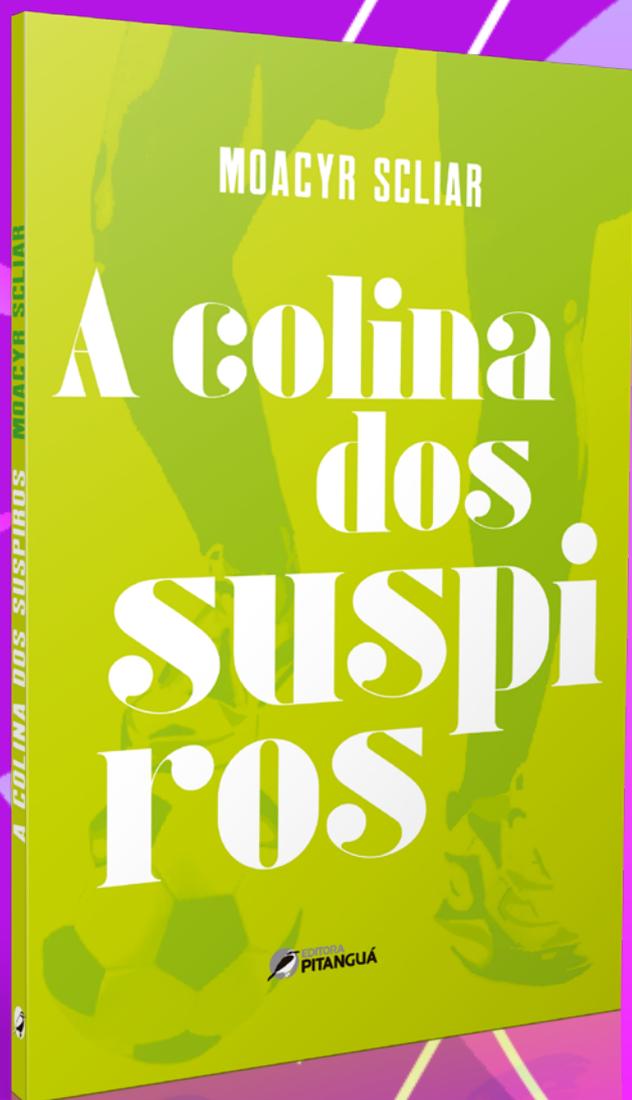


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR



# A COLINA DOS SUSPIROS

MOACYR SCLiar

ELABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA  
MARIA JOSÉ NÓBREGA  
E SAMIR THOMAZ

 EDITORA  
PITANGUÁ

# SUMÁRIO

Carta ao Professor, **3**

Propostas de atividades 1, **8**

Propostas de atividades 2, **16**

Aprofundamento, **26**

Sugestões de referências complementares, **38**

Bibliografia comentada, **43**



# CARTA AO PROFESSOR

*Querida professora, querido professor,*

*Neste manual, oferecemos a você muitas sugestões para apoiá-lo em seu trabalho na mediação de leitura de **A Colina dos Suspiros**. A finalidade primordial destas propostas é estabelecer um intenso diálogo com a obra, visando a compreensão de seu funcionamento e a interpretação de seus efeitos.*

*Em conformidade com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a organização deste manual permite diferentes níveis de aprofundamento em relação às competências e habilidades estabelecidas pelo documento, bem como a articulação com diferentes áreas e seus componentes curriculares. Em função do tempo didático disponível e das possibilidades de planejamento possíveis em cada unidade escolar, é possível elaborar seu planejamento e adicionar seu tempero didático de modo a construir o roteiro mais adequado às necessidades de seus estudantes.*

*Boa leitura e sucesso em seu trabalho!*

# ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,  
Uma árvore bem frondosa  
Doze galhos, simplesmente  
Cada galho, trinta frutas  
Com vinte e quatro sementes?*<sup>1</sup>

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".<sup>2</sup>*

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

<sup>1</sup> *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

<sup>2</sup> *Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.



## MOACYR SCLIAR, O AUTOR DE A COLINA DOS SUSPIROS

Filho de imigrantes judeus-russos, Moacyr Scliar nasceu em Porto Alegre, RS, em 1937. Formou-se em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1962. Ainda nesse ano, publicou seu primeiro livro, *Histórias de um médico em formação*. Desde então publicou mais de sessenta livros e recebeu prêmios literários como o Jabuti, o APCA e o Casa de las Américas. Sua obra abrange crônica, conto, romance, ensaio, literatura infantil e é marcada pelo humor, pelo flerte com o fantástico e pela investigação da tradição judaico-cristã. Foi colaborador de alguns dos principais órgãos de imprensa do país, como *Zero Hora*, *Veja* e *Folha de S. Paulo*. Tem textos adaptados para o cinema, o teatro e a televisão.

Moacyr Scliar é um dos escritores mais representativos da literatura brasileira contemporânea. Entre suas obras mais importantes estão: *A Guerra no Bom Fim* (1972); *O Exército de um Homem Só* (1973); *Mês de cães danados* (1977); *O Centauro no Jardim* (1980); *O olho enigmático* (1986); *A orelha de Van Gogh* (1989); *Sonhos Tropicais* (1992); *A majestade do Xingu* (1997); e *A Mulher que Escreveu a Bíblia* (1999). Participou de dezessete antologias estrangeiras e teve sua obra traduzida em diversos idiomas e publicada em mais de 20 países.

## SOBRE A OBRA

Na pequena cidade de Pau Seco, dois times de futebol se digladiam há muito tempo: o Pau Seco Futebol Clube e o União e Vitória. Quando jogam, despertam paixões, e a rivalidade entre os torcedores toma conta da cidade.

O famoso Clássico das Colinas é sempre o espetáculo mais aguardado. A denominação tinha razão de ser, pois o estádio do União e Vitória ficava no alto da Colina de São Pedro, e o estádio do Pau Seco, na Colina dos Suspiros, próximo ao cemitério da cidade. Essa proximidade com o campo santo sempre trouxe grande desconforto para os torcedores e era motivo de chacota e superstição.

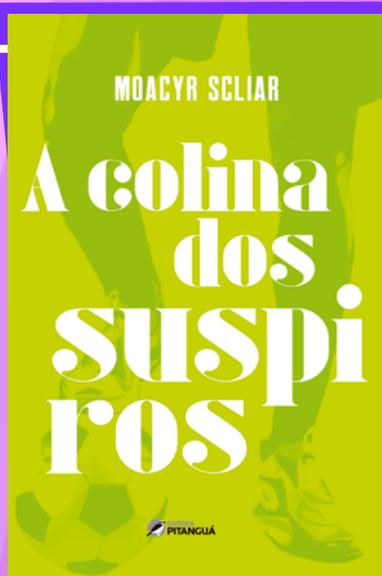
Como a situação financeira do Pau Seco ia de mal a pior, para tentar salvá-lo da falência, seus diretores decidem ceder o estádio a fim de que nele seja construído um monumental cemitério. Um novo jogador é contratado – Bugio – e as esperanças dos torcedores se renovam. Entretanto, as coisas não saem como o desejado, pois o jogador recém-contratado morre durante a partida de estreia.

A fatalidade mexe com o estado de espírito de todos, mas uma intervenção milagrosa do destino parece reverter a situação: surge em campo o fabuloso Rubinho, um dos trabalhadores da obra, que se revela um extraordinário jogador. Tudo, porém, se complica quando o craque fica com medo de marcar gol diante do túmulo do ídolo Bugio.

Com um texto bem-humorado, o autor brinca com a paixão dos brasileiros por futebol: "Se eu morrer na sexta-feira quero ser enterrado no sábado, na hora do jogo". Esse amor pelo clube que está presente nas grandes cidades com seus jogadores famosos mobiliza também os corações dos torcedores dos times de pequenas cidades, distantes e humildes. Até a presença do cartola, figura tão criticada no meio futebolístico, se faz representar na cidade de Pau Seco: o fazendeiro da região praticamente sustenta o time, e nenhuma decisão é tomada sem seu consentimento.

A ironia do texto cativa o leitor atento, e a venda do estádio do Pau Seco para a construção de um cemitério verticalizado, ponto turístico da cidade, recebe do autor tratamento primoroso. A escolha do nome Pirâmide do Eterno Repouso, eufemismo para cemitério, seduz os habitantes da cidade, pois atenderia à vaidade humana na hierarquização dos sepultamentos: grande jogada de *marketing* do personagem, lance do mais fino humor de Scliar. Gol de literatura.

Para quem gosta de futebol, o livro é muito saboroso. As tramas dos dirigentes dos clubes, a manipulação da imagem do jogador, o sucesso do menino pobre que se torna mito por meio do seu futebol, tudo isso compõe essa narrativa sobre o esporte, que é a paixão nacional.



### QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** Novela

**Áreas envolvidas:** Língua Portuguesa; História; Filosofia; Sociologia; Arte; Educação Física.

**Competências Gerais da BNCC:** 3. Repertório cultural, 4. Comunicação, 7. Argumentação, 9. Empatia e cooperação, 10. Responsabilidade e cidadania.

**Temas:** Projetos de vida; Inquietações das Juventudes; O jovem no mundo do trabalho; A vulnerabilidade dos jovens; Cultura digital no cotidiano do jovem; *Bullying* e respeito à diferença; Protagonismo juvenil; Cidadania; Diálogos com a sociologia e a antropologia; Ficção, mistério e fantasia.

# PROPOSTAS DE ATIVIDADES 1

## FIOS E LINHAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA

Conta-se que Teseu, o maior herói ateniense, precisou, certa feita, enfrentar um monstro que tinha o corpo de homem, a cabeça de touro e se alimentava de carne humana fornecida, a cada vez, com o sacrifício de sete moças e de sete rapazes da cidade de Atenas: era o terrível Minotauro.

Não era só a bestialidade do monstro que investia a tarefa de enorme perigo, mas a dificuldade do percurso. O monstro vivia encerrado em um labirinto, onde os caminhos se entrecruzavam, sem que, para alguns, houvesse saída. Muitos antes de Teseu haviam tentado enfrentar o desafio, mas foram derrotados pela fera ou, quem sabe, encurralados nas armadilhas do labirinto.

Foi Ariadne, uma jovem enamorada, que, temendo pela vida do amado, arquitetou, com a ajuda de Dédalo, um plano para demarcar o percurso, possibilitando que Teseu atingisse o centro, enfrentasse o Minotauro e voltasse seguro pelo mesmo caminho. Ela entregou ao herói um novelo que continha um fio mágico, um fio que nunca acabava, sob medida para Teseu desenrolar suas aventuras e retornar vitorioso e em segurança pela rota assinalada. Um fio que desenrolava a história e permitia ao narrador retornar para contá-la.

Teseu, não se sabe bem por que, vai abandonar Ariadne e viver outras histórias. Tristes, mas necessárias rupturas.

Começamos esta conversa com um mito que fala de fios que costuram amores e aventuras, que se entrelaçam e tecem os diferentes destinos. Mas fios e linhas também enredam textos que se revelam nas diferentes leituras de cada leitor.

Um texto traz sempre um convite: "Decifra-me!". Um leitor é sempre um desbravador de sentidos. As leituras, como os caminhos, podem ser, às vezes, difíceis. Mas tudo fica mais fácil se outro leitor desenrola o fio que costura o que se vai compreendendo a cada linha, revelando, como em um bordado, imagens que antes pareciam ocultas.

O fio que desliza nos dedos de Teseu é de Ariadne, mas o caminho não é dela, é dele. O percurso do herói-leitor não é o mesmo de quem estabelece com ele os processos de mediação com o texto, de quem desata os fios da compreensão e da interpretação dos labirintos da linguagem escrita. As aventuras são próprias daquele que caminha e retorna com histórias para contar.

O jovem leitor já construiu autonomia para decifrar as letras: não precisa mais de fios que lhe revelem o que elas representam. Mas, ingressando pelas veredas do mundo da escrita, precisará de outros tipos de fios: há trilhas simples que seu grau de autonomia leitora alcança, mas há outras mais complexas, prontas a desafiar-lo com linhas emaranhadas: não há aventura se não há desafios.

Não se forma um leitor se não o encorajamos a ampliar seus horizontes, porque há mais histórias... como a de Aracne, por exemplo, tecelã que urdia suas narrativas em tapeçarias que eram tão lindas que acabaram por despertar a inveja da deusa Minerva, que a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade. Teias de histórias que se entrelaçam no território das palavras. Trouxeste o fio? Ou a chave?

Mas talvez quiséssemos saber mais a respeito de como aquele novelo chegou às mãos amorosas da jovem Ariadne. Ela contou com a engenhosa ajuda de Dédalo, criativo arquiteto, que por ter sido cúmplice do amor de Ariadne por Teseu, despertou a ira dos Deuses e acabou aprisionado no labirinto com seu filho Ícaro; mas, graças à sua enorme capacidade inventiva, confeccionou enormes pares de asas e acabou escapando.

Dédalo e Ícaro são personagens de outra bela história...

Como eles, leitores são espíritos livres que, tão logo podem, soltam os fios e voam. Dependem apenas das mãos amorosas de seus professores que, como Ariadne, encorajam e possibilitam o ingresso nos labirintos da escrita.

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa encontram uma sequência de atividades cuja finalidade é permitir a formação de um sujeito leitor, responsável e crítico, capaz de construir sentidos de modo autônomo e de argumentar a respeito de sua recepção da obra, constituindo-se como uma personalidade sensível e inteligente aberta aos outros e ao mundo. Ao partir da recepção do aluno-leitor, de sua **leitura subjetiva**, procura-se ampliar suas competências com a aquisição de saberes sobre os textos e sobre si; ao compartilhar essa experiência, em uma **leitura colaborativa**, procura-se submeter o texto do leitor à arbitragem dos pares e à autoridade do texto.

### PRÉ-LEITURA

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

1. Nessa fase, você deve aproveitar para acostumar os alunos ao manuseio do livro: identificar o autor e a editora, verificar se o título é sugestivo, ler a quarta capa, observar a imagem e outros aspectos gráficos do livro (fonte, tipologia e tamanho).

2. Apresente a obra à classe. Informe aos alunos que eles vão ler *A Colina dos Suspiros*, de Moacyr Scliar. Pergunte se já leram algum livro desse autor, se o conhecem e se sabem alguma coisa sobre o assunto do livro. Indague se acompanham o futebol do interior, se têm conhecimento das dificuldades por que passam os clubes pequenos do Brasil, como são geridos e o que representam para a população dos municípios.
3. Analise com os estudantes a capa do livro. Convide-os a observar a imagem que ela traz. Conseguem formar algum sentido? Como essa imagem se articula com o título? O que ela sugere sobre a narrativa que irão ler? Que elementos vocês conseguem identificar? E o título: *A Colina dos Suspiros*? Que pistas fornece sobre o enredo? A que colina

o autor estaria se referindo? E por que suspiros? Com base nesse primeiro contato com a obra, organize com os alunos uma lista das impressões e das sensações que foram suscitadas pelos elementos da capa.

4. Chame a atenção dos estudantes para a dedicatória do livro. Peça que observem para quem o autor dedica a história. O que a dedicatória revela? Fornece pistas sobre o assunto da obra? Por fim, pergunte: Por que a maioria dos escritores, ao escrever uma história, a dedica a alguém?
5. Explique aos alunos que o texto que aparece no lado de trás do livro é chamado de texto de quarta capa. Com base nas informações contidas nesse texto, estimule os estudantes a criar hipóteses a respeito do enredo da obra.

## LEITURA

AS ATIVIDADES DE LEITURA IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHECAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

1. Chame a atenção dos estudantes para o fato de que o texto é narrado em terceira pessoa e o narrador conta a história conhecendo o que se passa na mente dos personagens. Explique que é isto o que possibilita ao narrador criar as situações fictícias e estratégicas de modo a conduzir a trama de acordo com os seus propósitos narrativos. Deixe claro, no entanto, que essas regras variam e costumam ser quebradas pelos escritores, nem sempre sendo seguidas rigorosamente por eles.
2. Solicite aos alunos que anotem as palavras e expressões que não conhecem e as pesquisem no dicionário ou deduzam do próprio contexto em que aparecem.
3. Estimule os estudantes a verificar se algumas das possibilidades levantadas por eles ao tomar contato com o título da obra e com a capa do livro estão sendo confirmadas na leitura. Acompanhe a leitura deles fazendo sondagens esporádicas sobre o que estão achando da história, se a obra lhes agrada, se a leitura é fácil ou difícil. Faça comentários estratégicos levando-os a intuir como o autor constrói dinâmicas intertextuais. Elas fazem referência a aspectos

socioculturais, históricos, linguísticos, sociológicos, filosóficos, científicos e econômicos sobre a época em que se passa a história e constroem o tecido da narrativa, explicitando situações e ocultando outras, dando margem a dúvidas para manter o interesse do leitor.

4. Chame a atenção dos alunos para o modo como o narrador descreve os personagens, à medida que eles aparecem na trama. Como, por exemplo, tia Inácia:

“Tia Inácia, uma mulher baixinha e gordinha, já na casa dos setenta, mas bem conservada [...]” (p. 75)

O doutor Ramiro, por sua vez, é apresentado por meio de diminutivos, como baixinho, gordinho, que tem um bigodinho. Aparentemente, ele poderia ser visto como uma pessoa frágil. Entretanto, essa hipótese não se confirma.

Pergunte a eles quais são os aspectos que o narrador valoriza nas descrições. De que elementos linguísticos ele se vale para caracterizar os personagens? Esses elementos costumam ser suficientes para que os leitores tenham uma ideia de como aquele personagem é?

## PÓS-LEITURA

AS ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOLVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

1. Em uma roda de conversa, discuta com os alunos a respeito da história e da experiência de leitura que tiveram. Estimule-os a falar, fazendo as seguintes perguntas: Quais foram os métodos empregados pelos personagens para resolver seus problemas e dilemas? Eles agiram com ética? Alguém se identificou com Rubinho? E com Isabel? E com Maria Aparecida ou Bugio? Instigue-os a justificar por que se identificaram com determinado personagem, levando-os a analisar aspectos humanos diversos, como os éticos, os sociais, os psicológicos, os físicos, entre outros. Quem pode dizer, em poucas palavras, o que acontece na história? Qual é, na verdade, o tema principal do livro? Quais são os temas secundários? Quais são as conclusões que podemos tirar do final da história? Finais como o dessa novela costumam sempre acontecer? São próximos ou distantes da vida real? Por quê? Por fim, pergunte sobre quais são as conclusões que podemos tirar da história.
2. Pergunte aos estudantes, informalmente, qual foi a cena da história de que mais gostaram ou aquela que mais os emocionou ou divertiu. Peça que justifiquem a escolha. Questione-os quanto à validade da arte (um livro, um filme, uma canção, uma obra de arte, uma escultura, um balé, um grafite etc.) como forma de conscientizar as pessoas sobre questões sociais importantes ou sobre o conhecimento do mundo e de si mesmas.
3. A rivalidade entre União e Vitória e Pau Seco é o Clássico das Colinas e também a típica rixa entre clubes de uma mesma cidade. Peça aos alunos que, em duplas, listem outras rivalidades conhecidas no futebol brasileiro, algumas das quais têm até apelidos sugestivos, como o Come-Fogo, entre Comercial e Botafogo, em Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, ou o Caju, entre Caxias e Juventude, na cidade gaúcha de Caxias do Sul.
4. Já virou lugar-comum dizer que o futebol é mágico. Mas em que consiste essa magia? Promova um bate-papo com os estudantes sobre o assunto. Indague: Que simbologias podem ser associadas a uma partida de futebol? Que relação há entre o torcedor e o clube? O que um clube pode representar na vida de uma pessoa? Que espécie de transferência psicológica há entre as vitórias de um clube e a autoestima de uma pessoa? Como explicar o fanatismo de um torcedor? Pode ser comparado ao fanatismo político ou ao religioso? Por que onze jogadores de cada lado correndo atrás de uma bola fascinam tanto as pessoas? Depois, questione os alunos sobre sua relação com o futebol. São torcedores fanáticos, moderados ou indiferentes? Peça que relatem, brevemente, o que o futebol significa para eles. Estenda a pergunta indagando

se possuem alguma relação de fanatismo ou obsessão por alguma outra atividade. Peça que digam quais são os pontos negativos e positivos disso.

5. Leve os alunos a perceber o humor que perpassa a narrativa. Questione-os: Que efeito esse humor provoca nos leitores? Peça que comentem a habilidade do autor em mesclar momentos graves, como o de um enterro, com situações de comédia, como a de acontecer um gol no exato momento em que o corpo do defunto está prestes a descer à cova. Amplie o questionamento indagando quais são as funções desse recurso humorístico empregado pelo narrador. Ele apenas diverte ou também contribui para formar um pensamento crítico sobre as situações descritas? Peça que mencionem um momento da história em que isso acontece.

6. Releia este trecho para os alunos:
 

“Mas quando Antão Rocha falou na Pirâmide do Eterno Repouso, [Bugio] arregalou os olhos:

– Mas então é túmulo! É coisa para botar morto dentro!” (p. 29)

Comente com a turma que nossa ideia de enterrar os mortos é antiga, mas não inclui colocá-los em uma pirâmide, conforme mostra o espanto de Bugio. Diga que isso já foi uma tradição religiosa, há muito tempo, na civilização egípcia. Não por acaso, essa civilização é conhecida pelo culto que dedicava aos mortos, por meio de túmulos suntuosos e pirâmides. Esclareça, porém, que só os faraós podiam ter enterros suntuosos.

Voltando a nossa época, pergunte aos alunos: O que motivou o doutor Ramiro a ter a ideia de enterrar os mortos de Pau Seco em uma pirâmide?

Teria sido a mesma motivação religiosa dos egípcios da Antiguidade? Questione: Ser colocado em uma pirâmide depois da morte ameniza o pesar de ter deixado a vida? Aproveite essa ideia e crie um desafio para a turma. Organize os alunos em duplas e os desafie a bolar um anúncio para convencer um consumidor a adquirir um produto que não desperta o desejo de ninguém, como um túmulo em uma pirâmide.

7. O Pau Seco é um clube que coleciona derrotas. Ainda assim, a fidelidade de seus torcedores não é abalada. Pergunte aos alunos: Que misterioso sentimento faz um torcedor continuar a torcer por determinado clube, mesmo que sua história seja feita de fracassos? Fanatismo? Compaixão? Identificação? Nesse sentido, indague: Afinal, um torcedor não busca se contagiar pelas vitórias de um clube para melhorar sua autoestima? Ou será que isso nada tem a ver com torcer por um clube? Aprofunde o questionamento: O que leva um torcedor a torcer por determinado clube e não por outro? Influência dos pais? Questões psicológicas que jamais entenderemos?
8. Em Pau Seco, cada um dos dois times da cidade tem um patrono, uma espécie de dono do time, que convive e, em alguns casos, manda nos chamados “cartolas”, nos dirigentes, que são seus diretores e administradores de fato. Indague dos alunos: É possível dizer que há grandes semelhanças entre a realidade do futebol brasileiro e a estrutura administrativa apresentada no livro? Que semelhanças são essas?
9. Após uma grande *performance* em um jogo, a imprensa esportiva de Pau

Seco endeusou Rubinho, colocando sua foto, enorme, na primeira página, com a manchete: “A grande surpresa do domingo”. Na página 90, no entanto, diante do desaparecimento de Rubinho, o narrador nos conta que, no dia seguinte, a história de seu desaparecimento já havia caído no esquecimento e que “Rubinho aparentemente era mais um dos muitos jovens que diariamente desaparecem neste país”.

Peça aos alunos que problematizem essa ação da imprensa esportiva: ao vitorioso, os louros da vitória; ao derrotado, as críticas e o esquecimento. Leve-os a ter uma visão crítica desse fato. Pergunte: A vida é feita somente de vitórias? Os fracassos não têm valor? Comente que, muitas vezes, um campeonato é decidido em um detalhe, como na disputa por pênaltis; ou seja, entre o sabor agradável da vitória e o sabor amargo da derrota, muitas vezes há apenas uma bola na trave, um erro do juiz ou uma falha fortuita de um zagueiro, e não o mérito ou demérito de uma das equipes. E, afinal, apenas um time tem de sair vitorioso. Conclua perguntando: Por que a imprensa esportiva cria essa dicotomia entre vitória e derrota, entre glória e esquecimento, na qual somente a vitória parece ter valor? E por que, após o “luto” de uma derrota, na partida seguinte os torcedores estão no estádio de novo, ou em frente à televisão, com as esperanças renovadas de que dessa vez seu time sairá vencedor e de que seu ídolo irá brilhar de novo?

10. O jogador Bugio, que era um atleta veterano, foi transferido ao Pau Seco Futebol Clube para que o time saísse da incômoda situação em que se

encontrava no campeonato. Com sua trágica morte no jogo de estreia, ainda em campo, essa esperança se foi. Então surgiu Rubinho, jovem estrela, futura promessa do futebol e, com ele, toda a esperança, antes perdida, reaparece. Considerando esse contexto, faça uma análise estabelecendo um paralelo entre o futebol tratado no livro e a realidade do futebol brasileiro quanto ao aparecimento de novos craques, suas dificuldades com empresários, as expectativas que despertam nos torcedores e o sonho de jogarem na Europa. Considere também, em sua análise, como são tratados os veteranos. Como convivem com a mudança de rotina, antes os estádios lotados, depois o silêncio da aposentadoria precoce?

11. No final da história, tudo leva o leitor a acreditar que Rubinho e Isabel terminariam juntos. Mas isso não acontece. Pergunte aos alunos se eles estavam torcendo por isso e se se sentiram frustrados com o desfecho. Questione: O narrador fez bem em fugir do “final feliz”? O que o final da história revela sobre as habilidades do narrador? Por que esperamos sempre finais de “contos de fadas”, quando, na vida real, as coisas nem sempre dão certo?
12. Em seu depoimento, no final do livro, Moacyr Scliar revela que a novela *A Colina dos Suspiros* foi baseada em fatos reais. Pergunte aos alunos: O que significa “ser baseada em fatos reais”? Será que o escritor conseguiu narrar os acontecimentos tal como aconteceram? Ou os tomou por base para elaborar sua história, tendo a memória como mediadora e agregando outros elementos não tão fiéis aos fatos como ocorreram?

# PROPOSTAS DE ATIVIDADES 2

## POR MAIS "VERDADES DE MENTIRA" NA SALA DE AULA

SAMIR THOMAZ

Em uma pequena e aclamada obra chamada *A literatura em perigo*, o ensaísta e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), um apaixonado por literatura desde criança – seus pais eram bibliotecários –, chama a atenção para o fato de que, em nossa época, a literatura corre o risco de não mais participar da formação cultural e humana das pessoas.

Todorov se refere, de maneira crítica, à forma como a literatura é ensinada nas escolas já há algumas décadas e ainda nos dias de hoje, com base no formalismo-estruturalismo, que leva às conhecidas e muitas vezes aborrecidas aulas em que os alunos são obrigados a memorizar a periodização das escolas literárias e as teorizações sobre elas, ficando o texto propriamente, ou seja, a literatura, relegada a segundo plano.

Nascido em uma Bulgária nos tempos do domínio soviético sobre as repúblicas do leste europeu, se por um lado o jovem Todorov tinha duas bibliotecas à disposição – a de seus pais –, por outro, à medida que crescia e evoluía na escola – ele optou por cursar Letras –, era obrigado a conter seu entusiasmo e fascínio pelos clássicos da literatura e prestar reverência à ideologia oficial.

Para que seus estudos literários não fossem interrompidos (e para escapar da censura), ele dirigiu seus primeiros trabalhos como estudante, professor e escritor para as formas linguísticas do texto – estilo, composição, foco narrativo, análise gramatical –, que são neutras, despidas de ideologia.

Somente depois que foi para Paris – onde se fixou e concluiu seu doutorado – é que pôde, enfim, ter uma relação mais livre e direta com a literatura. “De meados dos anos 1970 em diante, perdi o interesse pelos métodos de análise literária e passei a me dedicar à análise em si, isto é, aos encontros com os autores”, afirma o ensaísta.

Leitor reprimido na juventude, a constatação de Todorov de que a literatura está em perigo, no entanto, foi feita bem mais tarde, em uma época, a nossa (seu livro é de 2007), na qual a maioria dos países vive em democracias, ou seja, as crianças e adolescentes têm liberdade para ler uma ampla variedade de autores, participam de feiras e bienais de livros e frequentam uma escola cada vez mais preocupada com a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, a diversidade cultural, o protagonismo juvenil, a tolerância, os direitos humanos e a formação cidadã. Sem contar as múltiplas possibilidades da internet, que democratiza o acesso à informação e, por conseguinte, à leitura.

Esta é a realidade de um país como o Brasil. Não obstante suas desigualdades socioeconômicas, que afetam dramaticamente não apenas os níveis de leitura, mas a apreensão do conteúdo das demais disciplinas do currículo escolar, os recentes programas governamentais de fomento à educação e incentivo à leitura têm procurado diminuir essas discrepâncias, fazendo com que crianças e adolescentes tenham cada vez mais contato com os livros, com a cultura e com o conhecimento letrado e científico.

Não é uma tarefa simples em um país continental. E, apesar dos esforços, este é um jogo que estamos perdendo e precisamos virar. O fato é que ainda se lê pouco em nosso país. Um dos reflexos disso são os pífios resultados dos estudantes brasileiros no Pisa (Programme for International Student Assessment), da OCDE, que avalia os conhecimentos de matemática, ciência e leitura de estudantes de 15 anos de idade. Na prova do Enem de 2019, chamou a atenção o fato de que, de um total de mais de 3,9 milhões de candidatos, apenas 53 tiraram a nota máxima em redação enquanto quase 150 mil zeraram<sup>3</sup>.

A razão pode estar, assim como na época do jovem Todorov, na forma como a escola tem lidado com o ensino de literatura. Enquanto na Bulgária dos tempos da guerra fria havia a repressão e a censura, no Brasil atual a escola continua insistindo no modelo formalista-estruturalista de aulas, com ênfase em escolas literárias e análises teóricas – o que, como defendem teses pontuais como as de Todorov, tende a afastar os alunos do encanto, do prazer das descobertas, do estímulo à crítica e à reflexão que a leitura dos bons autores proporciona.

Em um mundo no qual há um clamor pela ideia de verdade, mas que, paradoxalmente, é dominado pela pós-verdade e pelas *fake news*, os jovens talvez se ressintam da “verdade de mentira” que a literatura

<sup>3</sup> BERMÚDEZ, Ana Carla. Enem 2019: 53 candidatos tiraram nota mil na redação; 143 mil tiraram zero. UOL. Disponível em: <<http://mod.lk/enem>>.

(e o cinema, o teatro, as HQs) possibilitam. É preciso que eles enxerguem na leitura (sobretudo na leitura de ficção) muito mais do que a obrigação de se inteirar de um volume de informações cifradas contidas em algumas dezenas de páginas (que é como muitos adolescentes veem os livros) com o objetivo efêmero de serem aprovados no vestibular e passem a perceber que a “verdade de mentira” escondida naquelas páginas é muito mais do que um mero enredo ou um simples relato.

Essa “verdade de mentira”, ao viabilizar a imersão em outra lógica de realidade, movida pela imaginação e pela fantasia, abre para eles uma infinita gama de possibilidades. É o velho e conhecido “what if?” dos escritores – em português, o “e se?”. E se isto acontecesse? E se determinado fato não tivesse sucedido do modo como se deu? E se um morto resolvesse escrever suas memórias póstumas? E se eu acordasse transformado em uma barata?

O contato com os grandes prosadores não apenas amplia o repertório cultural e de linguagem dos leitores, mas os contamina dessa amplitude de reflexão e de pensamento e os liberta dos determinismos cotidianos de que muitos jovens são vítimas em um país como o Brasil: “E se a minha vida fosse diferente do que é?”.

Ao sair do real, a literatura nos traz um entendimento profundo do que o mundo é, das dimensões nem sempre discerníveis do tempo e do espaço, de quais coordenadas silenciosas regem nossas vidas em sociedade. Enfim, a leitura dos bons autores, do presente e do passado, nacionais e estrangeiros, nos dá uma consciência cidadã do nosso papel como ser humano em um mundo em que os valores cada vez mais se metamorfoseiam e se pulverizam.

Assim disse o jornalista e escritor José Castello, em uma entrevista para o Caderno 2:

Queremos sempre estar quites com o mundo, mas nunca conseguimos. Este “nunca conseguir” é a própria vida. Enquanto a ciência perfura as coisas em busca de seu centro e a religião se eleva na ilusão de vê-las por inteiro, a literatura dança em torno delas. Ninguém escreve um romance para dizer a verdade, ou chegar à verdade. Para a literatura, o mundo é um enigma em torno do qual só nos resta girar e dançar.

Cabe à escola, no geral, e aos professores, de modo particular, rever sua forma de atuar para atingir o coração e a mente do jovem do século XXI, ávido de conhecimento, de verdades, de vida, mas também das “verdades de mentira” com que a literatura, desde Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Victor Hugo, Machado vêm enriquecendo a alma humana.

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa em diálogo com docentes de outros componentes curriculares encontram sugestões para uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo conexões entre a invenção literária e outras formas de discurso ou práticas do mundo social, considerando a obra literária como uma estrutura móvel, capaz de dar respostas diversas em diferentes contextos. As atividades propostas transitam entre o contexto de produção e de recepção da obra literária, procurando refletir a respeito das expectativas de cada período, de cada grupo social com o propósito de desenvolver a capacidade argumentativa e inferencial dos estudantes.

Assim como na seção Propostas de atividades 1, aqui a organização também se dá em atividades para os momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

### PRÉ-LEITURA

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

**LÍNGUA PORTUGUESA** Comente com os estudantes que o gênero a que o livro pertence, novela, não tem relação com as conhecidas novelas de televisão. Explique que, em geral, a novela literária (como é o caso de *A Colina dos Suspiros*) é considerada uma história intermediária entre o conto (uma narrativa curta) e o romance (uma narrativa longa), mas que, às vezes, uma novela pode ser chamada de romance, não havendo um critério rigoroso para sua classificação.

## LEITURA

AS ATIVIDADES DE LEITURA IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHECAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Durante a leitura, é possível depreender que a ironia é um elemento marcante do estilo de Moacyr Scliar. Logo nos primeiros parágrafos do capítulo inicial, o narrador faz uma comparação irônica da cidadezinha de Pau Seco com Roma, capital da Itália. Peça aos alunos que fiquem atentos a outros trechos em que esse recurso linguístico é empregado.

2. **HISTÓRIA** Ainda na menção à cidade de Roma, na página 5, podemos ler: “Se todos os caminhos levam a Roma, apenas uma estrada leva a Pau Seco [...]”. Peça aos alunos que pesquise, informalmente, a origem da conhecida frase “Todos os caminhos levam a Roma”. Em que contexto se insere? O que ela significou em seu tempo? O que significa atualmente?

## PÓS-LEITURA

AS ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOLVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Peça aos alunos que, a exemplo da frase criada por Ramiro para a lápide de Bugio – “O gol que não fizeste em vida tu o farás na eternidade” (p. 38) –, pesquise, em duplas, pelo menos três frases colocadas nas lápides de pessoas famosas ou não famosas e tragam para a sala, para mostrar à turma.

À medida que as duplas forem lendo as frases, peça aos colegas que as analisem. O que elas têm em comum? Que estilo predomina? E quanto ao uso do português, está correto? Alguma traz erros gramaticais? De que tipo? E sobre o que dizem as frases? São filosóficas? São simplistas? E o que acharam da frase de Ramiro?

2. **LÍNGUA PORTUGUESA** O futebol simboliza vida e alegria; o cemitério, morte e tristeza. Solicite aos alunos que escrevam um texto narrativo imaginando um enterro na hora exata em que será jogada a decisão da Copa do Mundo de futebol entre o Brasil e a Argentina. Como acham que seria? Instigue-os a abusar da imaginação.

3. **LÍNGUA PORTUGUESA** Pergunte aos estudantes se uma história como *A Colina dos Suspiros*, que se passa em uma época pré-internet, seria possível nos dias de hoje, com os *e-mails* e os aplicativos de mensagens rápidas. Indague: O que se ganhou e o que se perdeu com as atuais formas de comunicação entre as pessoas? E no âmbito do pensamento: a velocidade nas comunicações teria tirado o poder de reflexão daqueles que cultivam a atividade do pensamento e da palavra, como escritores, filósofos, cientistas etc.?

4. **LÍNGUA PORTUGUESA** Explique aos alunos que um dos recursos usados pelos escritores para criar suspense em suas histórias é interromper a narrativa em um momento de grande tensão, deixando uma cena suspensa, aguçando assim a curiosidade do leitor e levando-o a querer saber o que aconteceu na sequência. Comente que Moacyr Scliar faz isso de forma explícita em vários momentos, como neste trecho:

“Por tudo isso, a segunda partida, entre o Pau Seco e o Rio Vermelho, passou a ser aguardada com muita expectativa. E então algo estranho aconteceu.” (p. 67)

Indague aos alunos se o recurso funcionou com eles, ou seja, se ficaram curiosos para saber o que tinha acontecido e o que imaginaram

enquanto não souberam. Peça que identifiquem ao menos um desses momentos na narrativa.

5. **LÍNGUA PORTUGUESA** Atente para estas afirmações da escritora Ana Maria Machado, em um texto que fala das potencialidades da leitura de ficção:

As narrativas de ficção possibilitam que as crianças tenham contato com outras realidades além da sua e vivenciem coisas muito diferentes daquelas que seu cotidiano lhes oferece. Isso permite que projetem seus temores e seus desejos, adquiram experiências emocionais que as ajudem a crescer. Permite também que saiam de si mesmas, indo além dos limites emocionais de cada um. Propicia oportunidades para que se identifiquem com os outros, sintam solidariedade e compaixão, admiração e carinho por pessoas que nem conhecem (e que muitas vezes são apenas imaginárias, puros personagens), mas nem por isso as emoções que trazem são menos intensas. Ou que enfrentem medos, vergonhas e sentimentos difíceis, sem precisar passar por elas de verdade.

MACHADO, Ana Maria. Uma ponte entre grandes e pequenos. In: *Uma rede de casas encantadas*, p. 14-15, São Paulo: Moderna, 2012.

Com base neste trecho, crie estratégias para sondar se as potencialidades mencionadas por Ana Maria Machado, ou ao menos parte delas, foram alcançadas pelos alunos após a leitura de *A Colina dos Suspiros*, de Moacyr Scliar.

6. **HISTÓRIA** O coronelismo é conhecido como um período que teve grande influência no Brasil no final do século XIX e início do século XX, na chamada República Velha. No entanto, a julgar pelo comportamento dos poderosos na

história que os alunos leram, pergunte a eles se acham que o comportamento coronelista ainda está impregnado não apenas nos atos dos coronéis, mas também nos dos políticos. De que modo percebem isso? Que consequências isso acarreta para a sociedade?

Sobre a história lida, indague: Por que o coronel Chico Pedro é descrito como um “aristocrata arruinado”? O que significa o fato de, em outros tempos, sua família ter sido das mais prósperas da região? Esse fato se insere em que contexto socioeconômico da história do Brasil?

7. **EDUCAÇÃO FÍSICA** Solicite aos alunos que façam uma pesquisa sobre o futebol. Peça que previamente verifiquem os aspectos mais importantes desse esporte e depois se organizem em grupos, de modo que cada grupo pesquise um aspecto significativo. A ideia é que, ao final, a turma tenha abordado o futebol como um todo (as origens; como o futebol veio para o Brasil; os primeiros clubes brasileiros; os grandes clubes; o significado sociológico do futebol; o futebol no contexto da cultura brasileira; os grandes jogadores; o uso político do futebol; o futebol feminino etc.) e apresentem um seminário para que a classe tenha uma visão panorâmica do chamado “esporte bretão”.

8. **HISTÓRIA** Peça aos alunos que leiam atentamente esta passagem da descrição da Pirâmide do Eterno Repouso, idealizada pelo doutor Ramiro: “[...] A forma da pirâmide permitiria não apenas a economia de lugar mas também a hierarquização dos sepultamentos. Assim, na base seriam

enterradas as pessoas mais simples, em jazigos de preços acessíveis; à medida que se ascendesse, os preços – e a importância dos lugares – aumentariam; no ápice seriam sepultadas apenas as pessoas mais gradas, políticos, empresários, profissionais liberais conhecidos da cidade ou de outros lugares. [...]” (p. 20)

Inicialmente, indague aos alunos o que essa ideia do doutor Ramiro revela sobre a sociedade brasileira. Depois de ouvir as respostas, problematize e aprofunde a questão pedindo que reflitam sobre a desigualdade social e econômica que existe em nosso país: Essa realidade sempre existiu? Quais são as suas causas? A quem interessa manter essa desigualdade? Quem são os beneficiados? Quem são os prejudicados? Tendo sempre existido, não poderá ser mudada? O que fazer para mudar esse estado de coisas?

Se for possível, tenha em mãos dados atuais sobre a desigualdade social brasileira para apresentar aos alunos.

9. **FILOSOFIA** Peça aos alunos que releiam este trecho:

– O que houve, Antão? O que você quer a estas horas?

– Meu sogro morreu, Gregório.

– E daí? – Gregório irritado. – O velho estava bichado mesmo. Até que durou muito. De mais a mais, você não gostava dele.

– Não é isso, Gregório. O problema é o enterro.

– O que é que tem o enterro?

– É às três, Gregório. Às três da tarde.

– Às três da tarde? – Gregório não podia acreditar no que estava ouvindo.

– Na hora do jogo? Mas quem é que inventou essa imbecilidade?” (p. 13)

Além do futebol, a morte é o outro assunto que predomina no livro. O trecho destacado mostra a pouca importância que os dois homens da história dão à morte. E, por extensão, à vida humana. Questione os alunos, informalmente: A banalidade com que a morte é tratada no trecho é uma tendência na sociedade atual? Peça que justifiquem suas respostas. Amplie a questão mencionando a maior tragédia sanitária vivida pelo Brasil, em 2020 e 2021, que deixou milhares de mortos, causada pelo novo coronavírus. Questione: De que modo a morte foi tratada pelas autoridades durante a pandemia? E pela população? Vocês acreditam que, durante esse problema coletivo de saúde, houve banalização da morte? Por quê? Em que outras situações vocês acham que a morte é ou foi banalizada? Por que acham que isso acontece?

10. **SOCIOLOGIA** A paixão pelo futebol divide a cidade de Pau Seco entre torcedores do Pau Seco e torcedores do União e Vitória. Mas, na verdade, essa rivalidade não extrapola os campos de futebol, já que não vimos nenhuma passagem violenta no livro envolvendo as torcidas rivais. Entretanto, essa não é a realidade das torcidas dos grandes clubes brasileiros. Nas últimas décadas, as rixas entre as torcidas no futebol têm descambado para a violência explícita. Peça aos alunos que façam uma pesquisa em grupos sobre a rivalidade no futebol e suas consequências, como a violência, por exemplo. Oriente os alunos a definirem entre eles os temas a serem pesquisados e depois a se organizarem, de modo que os grupos pesquisem os temas significativos

relacionados ao assunto, para que, no final, a turma tenha uma visão abrangente do assunto. Comente com eles o caso dos *hooligans*, na Inglaterra, que podem também ser objeto da pesquisa. E amplie a abrangência da atividade questionando: Por que há mais homens do que mulheres nos estádios? De que modo vários preconceitos se manifestam entre as torcidas, por exemplo, contra mulheres e homossexuais?

11. **SOCIOLOGIA** Pau Seco é uma típica cidade do interior. Peça aos alunos que, informalmente, respondam por quê, segundo o narrador, ser da capital, em Pau Seco (e, supostamente, em qualquer cidade do interior do Brasil), equivale a um “título de nobreza”. O que a sutileza e a ironia dessas palavras escondem? O que elas querem dizer na realidade? O que revelam sobre o imaginário das pessoas a respeito da vida no interior e da vida nas grandes cidades?
12. **SOCIOLOGIA** A narrativa deixa claro que o café do seu Luís é o lugar da cidade onde as pessoas se reúnem para conversar, trocar ideias, fazer fofoca, pedir informações ou se informar sobre o que está acontecendo na política, na vida banal ou em qualquer assunto que possa ser objeto de interesse ou curiosidade. Questione os alunos sobre se esse fato fornece alguma pista sobre a época em que se passa a história. Por quê? A história poderia ter se passado nos dias atuais? Por quê? Que indicadores sociais, de costumes, ou tecnológicos indicam isso? Que aspectos observados na história sobrevivem ainda hoje? Que aspectos já não fazem parte da nossa maneira de

viver, mesmo nas cidades do interior?  
Peça que justifiquem as respostas.

13. **SOCIOLOGIA** Comente com os alunos que o futebol, assim como o samba, símbolos da cultura brasileira, ainda são vistos com preconceito por certa parcela da população. Haja vista essa fala de Manuelzão:

“– Não vou assinar nada, coronel. Em primeiro lugar, não sei ler nem escrever. Depois, esse negócio de futebol... isso é coisa para vagabundo, não para os meus garotos. [...]”. (p. 50)

Abra uma roda de conversa com a turma para uma discussão sobre o preconceito que ainda cerca o futebol e o samba. Por que acham que isso ainda acontece? Existe uma causa histórica para esse fato? O preconceito seria contra o futebol e o samba ou contra os indivíduos que os praticam? Como explicar a contradição entre a valorização dos grandes craques e dos sambistas famosos, que são mostrados na mídia em ambientes glamurosos, e o olhar depreciativo sobre quem se dedica ao futebol ou ao samba no dia a dia, sobretudo nas periferias?

14. **SOCIOLOGIA** Na história que os alunos leram, muitos homens mostram desrespeito pelas mulheres, como neste trecho:

“– Mas se o coronel está dizendo que é bom para o nosso filho...

– Cala a boca, mulher – cortou o homem, ríspido. – Quem sabe o que é bom para o Rubinho sou eu. [...]” (p. 51)

Comente com os estudantes que esse tipo de comportamento está na contramão do nosso tempo, em que as mulheres vêm consolidando conquistas sociais importantes, que tiveram início de

forma mais organizada a partir dos anos 1960, com os movimentos feministas. Solicite aos alunos que, em grupos, pesquisem: Que conquistas são essas? Oriente-os a criarem subtemas dentro do tema das conquistas feministas das últimas décadas, para que cada grupo aborde um aspecto significativo desse importante fato social.

15. **ARTE** Promova, se possível, a audição das canções a seguir, que falam de futebol – os comentários sobre elas estão nas *Sugestões de Referências Complementares* deste encarte. As canções podem ser exploradas de diversas maneiras em sala de aula, de acordo com a sua estratégia didática:
- a) podem servir de tema de redação, na qual os estudantes devem escrever de forma crítica sobre o que diz a letra;
  - b) podem ser objeto de discussão em sala de aula;
  - c) podem servir de sensibilização para o início de uma aula sobre algum tema explorado no livro.
- Em todos os casos, é fundamental que os estudantes tragam a letra da canção impressa ou copiada de casa. Estimule-os a buscar informações sobre os compositores e os cantores, além dos gêneros musicais apresentados.
- É uma partida de futebol, de Samuel Rosa e Nando Reis, com a banda Skank. Disponível em: <<http://mod.lk/skank>>.
- Umbabarauma, de Jorge Ben Jor, com *rap* incidental cantado por Mano Brown. Disponível em: <<http://mod.lk/umbabara>>.
- Meio de campo, de Gilberto Gil com Elis Regina. Disponível em: <<http://mod.lk/meiode>>.
- Fio Maravilha, de Jorge Ben Jor (letra e música). Disponível em: <<http://mod.lk/maravilh>>.

16. **ARTE** Promova, se for possível, uma sessão de cinema em sala de aula com os filmes sugeridos a seguir, que têm como tema o futebol, ou peça aos alunos que se organizem individualmente, em duplas ou em grupos, na casa de algum deles, para a realização de alguma tarefa específica, como pesquisa, seminário ou debate. Estimule-os a buscar informações sobre os diretores e os atores dos filmes, sobre as histórias e seu contexto, traçando paralelos com as situações narradas em *A Colina dos Suspiros*.

*Boleiros – Era uma vez o futebol.* (Brasil, 1998). Drama/Comédia. Direção de Ugo Giorgetti. Duração: 1h24min.

O filme traça um retrato dos chamados “boleiros”, ex-futebolistas que se reúnem em um bar de São Paulo para lembrar antigas glórias e histórias curiosas do tempo em que eram jogadores profissionais. O conjunto das histórias acaba mostrando um comovente, nostálgico e divertido painel sociológico da atmosfera que cerca o mundo do futebol. Disponível em: <<http://mod.lk/boleiros>>.

*O casamento de Romeu e Julieta.* (Brasil, 2005). Comédia. Direção de Bruno Barreto. Duração: 1h53min.

O enredo mostra a rivalidade entre torcedores dos clubes paulistanos Corinthians e Palmeiras por meio dos personagens Alfredo Baragatti, descendente de italianos, palmeirense roxo, e Romeu, corintiano fanático. Tudo vai bem até que Romeu conhece Julieta, filha de Alfredo e palmeirense como o

pai, e os dois se apaixonam. Romeu tenta esconder a condição de torcedor do clube arqui-inimigo dos palmeirenses, para que o pai da moça não proíba o namoro, e isso basta para que o humor conduza a comédia até o final.

Disponível em: <<http://mod.lk/julieta>>.

*O ano em que meus pais saíram de férias.*

(Brasil, 2006). Drama. Direção de Cao Hamburger. Duração: 1h45min.

O filme conta uma história que se passa em 1970, no auge da ditadura militar no Brasil. O garoto Mauro, de 12 anos, admirador de futebol, vê sua vida mudar completamente quando seus pais saem de férias de modo inesperado e misterioso e o deixam aos cuidados de seu avô. As “férias” alegadas pelos pais do menino na verdade eram uma providencial fuga da perseguição política da época.

Disponível em: <<http://mod.lk/oano>>.

17. **ARTE** Para que os alunos conheçam o processo de escrita de Moacyr Scliar e as questões práticas que cercam a realização de uma obra literária, promova em sala de aula uma curta sessão com três vídeos que trazem depoimentos do autor gaúcho ao programa Fronteiras do Pensamento em 2007:

*A escrita infinita.* Duração: 2min21s.

Disponível em: <<http://mod.lk/escrita>>.

*Não podemos fabricar nossos sonhos.*

Duração: 3min39s.

Disponível em: <<http://mod.lk/sonhos>>.

*Minhas famílias literárias.* Duração: 4min13s.

Disponível em: <<http://mod.lk/literari>>.

## LITERATURA É APRENDIZADO DE HUMANIDADE

DOUGLAS TUFANO

A literatura não é matéria escolar, é matéria de vida.

A boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade e à inteligência do leitor, que assim se enriquece a cada leitura. A literatura não tem a pretensão de oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade; ao contrário, provoca o leitor, estimula-o a tomar posição diante de certas questões vitais. A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências e situações que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ao ajudá-lo a situar-se no mundo e a refletir sobre seu próprio comportamento.

Mas essa característica estimuladora da literatura pode ser anulada se, ao entrar na sala de aula, o texto for submetido a uma prática empobrecedora, que reduz sua potencialidade crítica.

Se concordarmos em que a escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdos, devemos então admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade de pensamento e de expressão.

E se aceitarmos a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma maneira de ver o real, entenderemos que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, pois pode ser uma excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, e ainda permite o diálogo com outras áreas do conhecimento.

O professor é o intermediário entre o texto e o aluno. Mas, como leitor maduro e experiente, cabe a ele a tarefa delicada de intervir e esconder-se ao mesmo tempo, permitindo que o aluno e o texto dialoguem o mais livremente possível.

Porém, por circular na sala de aula junto com os textos escolares, muitas vezes o texto literário acaba por sofrer um tratamento didático, que desconsidera a própria natureza da literatura. O texto literário não é um texto didático. Ele não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto. Ele é uma pergunta que admite várias respostas; depende da maturidade do aluno e de suas experiências como leitor. O texto literário é um campo de possibilidades que desafia cada leitor individualmente.

Trabalhar o texto como se ele tivesse um significado objetivo e unívoco é trair a natureza da literatura e, o que é mais grave do ponto de vista educacional, é contrariar o próprio princípio que justificou a inclusão da literatura na escola. Se agirmos assim, não estaremos promovendo uma educação estética, que, por definição, não pode ser homogeneizada, massificada, despersonalizada. Sem a marca do leitor, nenhuma leitura é autêntica; será apenas a reprodução da leitura de alguma outra pessoa (do professor, do crítico literário etc.).

Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitem a cada aluno dialogar com o texto, interrogá-lo, explorá-lo. Mas essas atividades não são realizadas apenas individualmente; devem contar também com a participação dos outros alunos – por meio de debates e troca de opiniões – e com a participação do professor como um dos leitores do texto, um leitor privilegiado, mas não autoritário, sempre receptivo às leituras dos alunos, além de permitir-lhes, conforme o caso, o acesso às interpretações que a obra vem recebendo ao longo do tempo.

Essa tarefa de iniciação literária é uma das grandes responsabilidades da escola. Uma coisa é a leitura livre do aluno, que obviamente pode ser feita dentro ou fora da escola. Outra coisa é o trabalho de iniciação literária que a escola deve fazer para desenvolver a capacidade de leitura do aluno, para ajudá-lo a converter-se num leitor crítico, pois essa maturidade como leitor não coincide necessariamente com a faixa etária. Ao elaborar um programa de leituras, o professor deve levar em conta as experiências do aluno como leitor (o que ele já leu? como ele lê?) e, com base nisso, escolher os livros com os quais vai trabalhar.

Com essa iniciação literária bem planejada e desenvolvida, o aluno vai adquirindo condições de ler bem os grandes escritores, brasileiros e estrangeiros, de nossa época ou de outras épocas. Nesse sentido, as noções de teoria literária aplicadas durante a análise de um texto literário só se justificam quando, efetivamente, contribuem para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois nunca devem ser um fim em si mesmas. A escola de Ensino Fundamental e Médio quer formar leitores, não críticos literários. Só assim é possível perceber o especial valor educativo da literatura, que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais diferentes situações. Literatura é aprendizado de humanidade.

Nesta seção, apresentamos aos professores de Língua Portuguesa orientações e subsídios que podem ajudá-los a ter claras as definições conceituais do cânone literário, já estudadas em seus anos de formação, mas sempre sujeitas a controvérsias (como veremos adiante), bem como às rupturas formais e instrumentais que a literatura, em sua dinâmica própria, estabeleceu ao longo dos séculos até os dias de hoje. Ao fazer da experiência humana matéria-prima de sua atividade, não se pode esperar que a literatura se deixe aprisionar em conceitos abstratos. No entanto, e sobretudo na escola, em que os alunos estão muitas vezes tendo o primeiro contato com a sistematização desse estudo, é preciso que eles conheçam as conceituações básicas, para que, com base nelas, ampliem e aprofundem o seu conhecimento.

Com essas orientações e subsídios, o professor poderá organizar a sua leitura e apreensão do fenômeno literário, para que possa explorar as suas potencialidades e aplicá-las de forma proveitosa e fecunda no contato com os estudantes, fazendo com que a aula de literatura extrapole o âmbito meramente daquele que sabe e daquele que aprende, mas se transforme em um diálogo vivo, uma troca criativa e inovadora que, sem dúvida, irá conduzir aquele que aprende ao conhecimento da literatura, mas também irá proporcionar àquele que sabe a experiência de poder rever seus conhecimentos, ampliando-os, à luz da comunhão que a leitura proporciona.

As orientações e subsídios a seguir contemplam ainda o diálogo que as obras literárias, naquilo que possuem de específico e de universal, estabelecem com as produções artísticas de outros gêneros, literários ou não, contemporâneas ou de outro tempo. Na já referida dinâmica própria do fazer e do fruir literários, que se acentuaram nos últimos séculos com o advento de novas formas de arte – haja vista as possibilidades que a revolução digital tem proporcionado tanto a quem lê quanto a quem produz literatura em nossos dias –, não é mais razoável nem satisfatório que a experiência dos alunos com os livros se circunscreva apenas ao âmbito das palavras, por mais ricas e infinitas que sejam. É necessário que eles adquiram um olhar pragmático para compreender de que modo aquilo que o escritor, dramaturgo ou poeta colocou em sua obra, com toda a sutileza e a singularidade com que foi concebido, pode ser visto de outros prismas estéticos, outras concepções artísticas, outros ângulos epistemológicos, enfim, outros olhares, sem deixar de ser fiel à “espinha de peixe” – expressão usada pela cineasta Suzana Amaral, pródiga em transpor obras literárias para o cinema, para se referir ao manancial de conhecimento do mundo ímpar que toda obra literária traz.

## O GÊNERO DA OBRA

### NOVELA

Há quem defina a novela, de forma simplista (sem que esse simplismo se distancie necessariamente da verdade), como uma narrativa menor do que o romance em número de páginas (e, por extensão, maior do que um conto). Como base para comparação, o romance é uma narrativa em prosa, geralmente longa com vários personagens que vivem diferentes conflitos e cujos desfechos se cruzam. Ele coloca em cena problemas de relações humanas, mas não necessariamente amorosas, como pode sugerir o sentido mais usual da palavra romance. Além disso, ele pode apresentar diferentes temas e contextos, por isso é possível falar de romance histórico, romance policial, romance de aventuras etc. De fato, se tomarmos novelas como *A metamorfose*, de Franz Kafka, ou *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar, a primeira impressão que teremos dessas obras, antes mesmo de começarmos a lê-las, é que se trata de narrativas de pequeno fôlego, com base na pequena “grossura” dos volumes, perceptível pelo contato tátil.

No entanto, se verificarmos obras como *O alienista*, de Machado de Assis, ou *Bartleby, o escrivão* (ou *o escriturário*, depende da tradução), de Herman Melville, que modernamente são classificadas como novelas, mas que, originalmente, são definidas como contos, teremos noção das controvérsias que envolvem as fronteiras do que é uma novela literária em relação ao romance e mesmo ao conto. Sem contar que, para confundir um pouco mais as coisas, hoje em dia, quando se fala em novela, a primeira noção para a qual o senso comum nos leva é a das conhecidas novelas de televisão.

Levando em conta essas discussões, para as quais em geral o leitor comum passa ao largo – ele quer apenas ler uma boa história, seja romance, novela ou conto –, a novela pode ser definida, *grosso modo*, como uma narrativa articulada em torno de um pequeno número de personagens e de conflitos – na maior parte das vezes um conflito move toda a história. A limitação dos conflitos e dos personagens, no entanto, não são necessariamente proporcionais à densidade da carga narrativa, que, a despeito da necessidade de um desfecho relativamente rápido, pode ser mais intensa do que um alentado romance.

Outra definição possível é a de que a novela é composta de capítulos ou unidades não autônomas, mas que estão interligados: cada um traz em si certas motivações que serão depois desenvolvidas nos capítulos seguintes e assim por diante, numa sucessão que manterá a atenção e a curiosidade do leitor e levará ao epílogo. Um exemplo típico de novela que apresenta essa estrutura é *Dom Quixote de la Mancha*, do escritor espanhol Miguel de Cervantes, publicada no início do século XVII.

Também aqui, no entanto, temos polêmicas. Há um certo consenso entre os estudiosos de que a obra de Cervantes inaugura o romance moderno na história da literatura. Isso significa que este livro rompeu certos paradigmas que vinham das novelas de cavalaria, a forma preferida dos leitores daquela época até então – haja vista a fanática admiração do personagem Dom Quixote pela figura do cavaleiro andante, um personagem típico desse tipo de história. Mas como Dom Quixote pode “inaugurar” o romance moderno sendo uma novela? Eis a polêmica.

Quando se diz que a obra de Miguel de Cervantes “inaugura” o romance moderno, ainda que seja “oficialmente” uma novela, se quer dizer que ela traz elementos novos à *forma de narrar* – não necessariamente *ao romance*. Essa forma de narrar criou um “modelo” de contar histórias que será incorporada, nos séculos seguintes, à forma de se contar uma história literária – seja um romance, uma novela ou um conto. Essa forma de se contar uma história conhecerá o seu apogeu no século XIX, com o francês Gustave Flaubert – que escreveu romances, novelas e contos – e os romances e novelas de folhetim. *A Colina dos Suspiros*, de Moacyr Scliar, a novela juvenil que os alunos leram, é herdeira dessa forma de contar histórias, que nasceu com *Dom Quixote*.

Para concluir, é preciso dizer que a discussão sobre o que é romance, novela e conto envolve também a forma como uma obra é construída e apresentada ao público. A definição de que a novela é composta de unidades não autônomas interligadas pode ser problemática se não levarmos em conta a forma como houve isso que estamos chamando de “interligação”. O conhecido romance *Vidas secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos, publicado na primeira metade do século XX, nasceu como unidades autônomas e só depois foi organizado em um volume único, ao qual o autor conferiu certa organicidade narrativa. É só um exemplo, entre muitos. Portanto, tão importante quanto a leitura da obra em si mesma é a curiosidade, prévia ou posterior à experiência do contato com a história, do aluno para que tenha uma compreensão que extrapole o mero enredo, e do professor para que possa explorar as potencialidades da obra como produto do engenho criativo humano, influenciado por sua época mas que vai muito além dela.

## SOBRE OS ESTILOS LITERÁRIOS

Para introduzir a questão da arte moderna, e, por extensão, da literatura moderna, seria bom considerar este comentário de 1956, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, que expressa uma concepção com que qualquer artista moderno ou contemporâneo concordaria:

"O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal. Do mesmo modo que cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria seu conceito de poema e, a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura, de arte. Cada poeta tem a sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo àquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa da sua. O que se espera dele, hoje, é que não se pareça a ninguém, que contribua com uma expressão original. [...]

Para empregar uma palavra bastante corrente na vida literária de agora, o que se exige de cada artista é que ele transmita aquilo que em si é o mais autêntico, e sua autenticidade será reconhecida na medida em que não se identifique com nenhuma expressão já conhecida. Não é preciso lembrar que, para atingir essa expressão pessoal, todos os direitos lhe são concedidos. [...]

Pode-se dizer que hoje não há **uma** arte, não há **a** poesia, mas há artes, há poesias. Cada arte se fragmentou em tantas artes quantos forem os artistas capazes de fundar um tipo de expressão pessoal."

NUNES, Benedito (org.). *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1971, p. 190-191. (Coleção Poetas Modernos do Brasil)

Como se vê, chegou ao fim a noção de “estilo”, “escola” ou “convenção” literária, tal como se concebia nos séculos anteriores. Esse é um processo que começa com o Romantismo, no século XIX, e atinge seu maior desenvolvimento no século XX. É a proclamação da independência estética do artista moderno, fenômeno que se verifica em praticamente todos os campos artísticos, da música à literatura e às artes plásticas. Cada artista cria sua própria concepção de arte. Daí a sensação de “estilhaçamento” quando observamos o panorama da literatura moderna e contemporânea. Hoje, estudamos autores e não grupos ou gerações literárias.

Isso não quer dizer que os escritores de hoje não tenham nada a ver com a tradição. Têm, sim, mas a diferença agora é que a forma de apropriação da tradição é feita de maneira absolutamente pessoal.

Os primeiros vinte anos do século XX, na Europa, assistiram a essa desintegração total dos chamados “estilos de época”, com repercussões profundas no Brasil a partir principalmente da década de 1920. A Semana de Arte Moderna de 1922 pode ser vista como um ponto de referência desse processo de transformação.

Ao falar da poesia brasileira do século XXI, Manuel da Costa Pinto reitera o que disse João Cabral, cinquenta anos antes. Sobre os poetas que selecionou para sua Antologia, diz ele: “[...] sem esquecer, é claro, que todo escritor possui uma singularidade irreduzível a influências e recortes teóricos”. (*Antologia comentada dos poetas brasileiros do século 21*, Publifolha). É o reconhecimento do fim dos estilos que englobavam escritores de uma mesma geração ou época.

## O QUE É LITERATURA?

Seria importante que os professores levassem o aluno a perceber que literatura é construção da linguagem. Isto é, ainda que tenha como referência o mundo real, a marca da literatura é o fato de ser ficção, ela é fruto da inventividade do autor. Literatura é, pois, recriação da realidade e não, como muitas vezes se diz, um “retrato” da realidade. E nessa recriação o autor tem plena liberdade, como disse João Cabral. Pode explorar formas de linguagem, criar palavras, imaginar enredos – nada o prende à realidade imediata. E é exatamente essa liberdade que torna a literatura um campo de possibilidades virtualmente infinito. Ao entrar nesse universo fictício, o leitor sabe que qualquer coisa pode acontecer. Não é um jogo de cartas marcadas, mas um espaço desconhecido a ser percorrido e descoberto.

Desenvolver esse novo conceito de literatura como uma “aventura” intelectual talvez seja o grande desafio da escola. O aluno não deve ler como se fizesse uma prova ou um questionário (como ocorre nos vestibulares, por exemplo). Deve ler como uma conquista, porque isso pode abrir seu horizonte existencial. Essa é a dimensão educativa da literatura.

O declínio da importância das “escolas literárias” levou ao declínio também da preocupação em reconhecer as características de cada uma, como uma lista a ser decorada. Por isso, hoje a literatura deve ser trabalhada como forma de enriquecimento e ampliação do universo emocional e intelectual do aluno. Esse deve ser o resultado das leituras feitas no Ensino Fundamental e Médio.

Nesse sentido, a diversidade de gêneros literários é importante para a formação do leitor, para abrir o seu horizonte, para mostrar-lhe o que ele pode usufruir ao longo de sua vida, e não apenas durante os anos escolares. A escola é apenas o ponto de partida, e não o ponto de chegada.

Por isso, mesmo um livro escrito há vários séculos, como *D. Quixote*, permanece atual. Porque proporciona essa aventura intelectual, esse voo da imaginação. Não para alienar o leitor, mas para fazer com que ele, no fim da leitura, volte à sua realidade e a veja com outros olhos. O diálogo da obra com o mundo em que vive o aluno é fundamental para que a literatura exerça seu papel educativo.

Essa nova concepção de leitura e formação do leitor é fundamental para as escolas criarem seus projetos de leitura, isto é, a seleção de livros que os professores *devem ler junto* com os alunos. Podemos identificar o conceito de educação de uma escola com base nos livros que ela indica e nos livros que ela *não* indica.

Por isso, o mestre Antonio Candido dizia que o acesso à literatura deveria ser um direito básico do ser humano.

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

Em **Atividades de aprofundamento**, são apresentadas propostas que permitem compreender o funcionamento contemporâneo das convenções literárias relacionadas à obra, apoiar a leitura crítica, criativa e propositiva para explorar as potencialidades da escrita literária com os estudantes. Nessa seção, indicam-se também produções contemporâneas de outros gêneros (literários ou não) que permitem um diálogo intertextual com diferentes aspectos da organização da expressão literária e sua articulação com a experiência individual e social.

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Provoque os estudantes perguntando a eles se um escritor de ficção é um mentiroso. A pergunta poderá parecer estranha e até zombeteira. Depois de ouvir a opinião deles, comece a desconstruir a imagem do senso comum que eles têm de um autor de ficção. Pergunte, problematizando o assunto: O que os escritores de ficção escrevem é de verdade ou de mentira? Por que acreditamos nas histórias que escrevem, sabendo que são de mentira? Por que precisamos sair da realidade e entrar no mundo da fantasia? Em meio a essas reflexões, peça que mencionem uma história de ficção de que gostaram – pode ser um romance, uma novela (literária ou de televisão), um filme, uma série, uma peça de teatro, uma HQ. Indague sobre que sentimento a história provocou neles. Em seguida, questione se o que sentiram era de verdade ou de mentira. A ideia é conduzi-los à percepção de que quanto mais um autor tiver o poder de nos fazer acreditar em uma verdade que sabemos ser de mentira, ou seja, quanto mais ele nos fizer esquecer a realidade e mergulhar na história de ficção que está sendo contada, a ponto de nos emocionar (até às lágrimas, muitas vezes) ou de nos divertir, maior será o seu talento como ficcionista – ou como “mentiroso”. Por fim, pergunte se, ao final da leitura de *A Colina dos Suspiros*, de Moacyr Scliar, o autor conseguiu fazê-los acreditar na história que foi contada e por quê.

2. **LÍNGUA PORTUGUESA** Peça aos alunos que observem a habilidade do autor para criar um diálogo sem mostrá-lo aos leitores, apenas fazendo com que eles imaginem o que supostamente foi dito, por meio do discurso indireto livre, e ainda com um refinado toque de humor:

“– Escuta, Ramiro, o Antão diz que se você não chegar em cinco minutos ele vai até aí e traz você a tapa. Palavras dele, estou só repetindo. Como é? Está bom, nós esperamos.” (p. 33)

Pergunte aos alunos: O que eles imaginaram que Ramiro disse do outro lado da linha?

Em outro trecho – e há muitos na história que poderiam ser usados como exemplo –, o narrador também faz uso do discurso indireto livre para expor o fluxo de pensamento de um personagem:

“– Como? – Ranulfo não podia acreditar no que tinha ouvido: nunca recebera uma resposta assim. Nem de jogador e muito menos de mulher de jogador.” (p. 35)

Após revisitarem os trechos, questione os alunos: O que é um fluxo de pensamento em uma obra literária? O que caracteriza o discurso indireto livre? Sugira que os estudantes conversem com o professor de Língua Portuguesa para lembrar esses conceitos. Depois que eles se sentirem seguros para opinar, solicite que identifiquem pelo menos três trechos caracterizados pelo fluxo de pensamento de um personagem, por meio do discurso indireto livre.

Amplie a reflexão trazendo a informação de que o fluxo de pensamento, uma das marcas da narrativa moderna, é um expediente literário muito útil para o narrador, pois, como ele sabe o que se passa na mente de todos os personagens, permite que tenha o controle do que mostrar e do que esconder do leitor, por meio de ambiguidades, de acordo com sua estratégia narrativa.

3. **SOCIOLOGIA** A descrição da Pirâmide do Eterno Repouso, feita pelo narrador, traz a ideia da eficiência e da racionalidade – “nenhum espaço se perderia” –, uma característica do capitalismo moderno, que busca aproveitar todos os recursos disponíveis (materiais e imateriais, humanos e não humanos) e não desperdiçar nada – ideia com a qual o doutor Ramiro parece estar absolutamente alinhado. Comente com os alunos que essa ideia de eficiência e racionalidade tem impregnado cada vez mais a vida contemporânea com o advento da inteligência artificial, entre outras novidades das recentes tecnologias da informação e da automação.

Com base nas ideias do doutor Ramiro e no que os estudantes observam no dia a dia, questione-os sobre qual é o valor dos seres humanos em um mundo que cada vez mais valoriza a técnica, as tecnologias, a precisão e a eficiência das ações, a assepsia da vida, em contraste com as imperfeições, o imprevisto, o pragmatismo, a imaginação e a criatividade que caracterizam a “vida real”. Por fim, questione: Com a escalada de invenções na área da automação e do mundo digital, que cada vez mais aproximam os robôs do comportamento humano, que papel caberá aos seres humanos no mundo do trabalho, nas relações sociais e na relação das pessoas consigo mesmas?

4. **SOCIOLOGIA** A construção da Pirâmide do Eterno Repouso traz também embutida a ideia de modernizar a cidade de Pau Seco. Exemplifique com esta passagem da história:

“[...] E aí vinha o segundo problema: o terreno. Nos arredores de Pau Seco ele poderia conseguir um bom lugar, mas o que ele tinha em mente era outra coisa: queria levantar a Pirâmide junto do antigo cemitério. O novo e o velho unidos. O arrojo da modernidade e as clássicas estátuas do escultor alemão. [...]” (p. 21)

Problematize esse fato com os alunos. As coisas antigas são necessariamente problemáticas? As coisas novas são necessariamente mais eficientes? Por que os produtos mais antigos geralmente duravam mais? Por que os produtos atuais em geral duram menos? Que interesse pode haver na curta vida útil das coisas? Por que temos a necessidade de trocar um artefato ou utensílio por um novo, mesmo que ele ainda esteja funcionando? O que isso revela sobre a sociedade em que vivemos? Indague os estudantes: Como o novo e o antigo convivem na sua cidade? Há coisas antigas (lugares, costumes, construções, meios de transporte etc.) que ainda têm serventia ou validade? Que valor elas têm para você? Há alguma obra faraônica em sua cidade? De que modo a ideia do novo é explorada em vários âmbitos da nossa sociedade, sobretudo pela propaganda e pelos políticos? Por fim, aprofunde a questão e pergunte: O capitalismo – ou seja, aquilo que faz com que as coisas mudem – destrói criando ou cria destruindo? Explique que essa é uma das perguntas que muitos estudiosos se fazem atualmente sobre a natureza das mudanças materiais e imateriais nas sociedades de nossa época. Conclua dizendo que, dependendo da resposta, pode-se acabar dando mais ênfase à ideia de criação ou à ideia de destruição.

# SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

PARA O ALUNO

## ★ LIVROS ↘

BARRETO, Lima. A nova Califórnia. In: BARRETO, Lima. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Com organização da historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, a obra reúne os 149 contos escritos pelo autor carioca. Os contos de Lima Barreto são leitura necessária para o aluno contemporâneo, por sua qualidade literária e pelo valor documental de uma época, mas aqui nos interessa o conto A nova Califórnia, que narra a maneira como a cidade fictícia de Tubiacanga vira de cabeça para baixo com a possibilidade, apresentada por Raimundo Flamel, um enigmático novo morador do local, de transformar os ossos dos mortos em ouro. Logo o pânico se instaura na região, com a população saqueando os túmulos em busca da preciosa matéria-prima.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Companhia de Bolso)

Nesta obra, o escritor italiano Italo Calvino (nascido em Cuba, mas levado à Itália logo após o nascimento) comenta com

aguda percepção alguns dos autores mais importantes da tradição literária do Ocidente, mesclando gosto pessoal com nomes fundamentais do cânone literário universal, como Stendhal, Balzac, Flaubert, Tolstói e Borges. Calvino ainda fornece subsídios para compreender a controversa indagação sobre por que uma obra é considerada um clássico e por que lê-la, em ensaios que começaram a ser escritos no início da década de 1980 até sua morte, em 1985.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos)

Pequena obra introdutória pelos caminhos da literatura, da ficção e de seus elementos constituintes.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Cartografia da leitura elaborada por Ana Maria Machado, premiada escritora brasileira, que nesta obra apresenta aos jovens leitores um passeio apaixonado pelos textos clássicos da literatura universal.

SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Donaldo Schuller. Porto Alegre: L&PM, 1999.

Terminada a guerra entre Argos e Tebas, Polinices e Etéocles, irmãos de Antígona e Ismênia, morrem no conflito. Filha de Édipo e Jocasta, Antígona luta sozinha contra Creonte, um rei tirânico que assume o trono da cidade e quer impedir que Polinices seja sepultado, por considerá-lo traidor. Para garantir um funeral digno a Polinices, Antígona descumpra a ordem real, pois prefere morrer ao lado dos deuses a acatar as decisões do rei. Confrontada por Creonte, Antígona é condenada à morte. Esse drama, um dos maiores clássicos da tragédia grega, já ganhou releituras em variados gêneros e encenações em vários palcos do mundo.

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Companhia de Bolso)

Em uma sexta-feira 13 de 1963, uma greve geral na cidade impede o enterro dos mortos. Os defuntos, então, resolvem se levantar dos caixões e saem andando pelas ruas, reivindicando o direito de serem enterrados. Essa sátira política foi lançada em 1971, em plena ditadura militar, mostrando ousadia ao abordar temas como tortura, corrupção e autoritarismo.

## ★ FILMES

*A falta de visibilidade e o preconceito com mulheres que praticam o futebol no Brasil*. Documentário. Dirigido por Stephanie Lima. Trabalho de conclusão do curso de Rádio e TV, 2015. Centro Universitário Fiam/Faam. 15 dez. 2015. Duração: 17min39s.

O documentário trata das dificuldades que as jogadoras (amadoras e profissionais) enfrentam para tentar uma carreira no futebol feminino brasileiro e a falta de incentivo e investimento da modalidade.

Disponível em: <<http://mod.lk/preconce>>.

*Virou o jogo – A história de Pintadas*. Documentário. Dirigido por Marcelo Villanova. Duração: 26min8s.

O filme conta a história das mulheres de Pintadas, no interior da Bahia, e de como venceram o machismo típico na região.

Disponível em: <<http://mod.lk/virou>>.

## ★ CANÇÕES ↘

É uma partida de futebol, de Samuel Rosa e Nando Reis, com a banda Skank.

Verdadeira celebração do futebol, esta canção da banda Skank, do final dos anos 1990, exalta aquilo que apaixonou nesse esporte, as jogadas, a euforia da torcida, o colorido das camisas, o verde do gramado, a alegria nas vitórias e a dor nas derrotas, e o sonho que muitos meninos e meninas têm de ser um jogador ou uma jogadora de futebol.

Disponível em: <<http://mod.lk/skank>>.

Umbabarauma, de Jorge Ben Jor, com *rap* incidental cantado por Mano Brown.

A canção realça um jogador africano, mas de modo mais amplo celebra a influência da África no futebol, enquanto Mano Brown insere um *rap* que fala da realidade da periferia, onde o futebol se perpetua como diversão, sonho, catarse e opressão.

Disponível em: <<http://mod.lk/umbabara>>.

Meio de campo, de Gilberto Gil com Elis Regina.

Música de 1973 em que Gilberto Gil homenageia Afonso Celso Garcia Reis, mais conhecido como Afonsinho, jogador de futebol que defendeu o Botafogo de 1965 a 1970, ano em que foi emprestado ao Olaria, mas voltando ao Botafogo no mesmo ano, porém de barba e cabelos compridos. A diretoria do clube pediu que ele aparasse o cabelo e a barba. Com a negativa do jogador, seu contrato foi suspenso enquanto ele não atendesse a ordem do clube. Afonsinho pediu a liberação de seu passe, o que só obteve com um processo no Superior Tribunal de Justiça Desportiva. Posteriormente, o jogador conseguiu o passe livre, tornando-se o primeiro atleta do Brasil a ganhar esse direito na justiça, em março de 1971. O passe livre só seria instituído no Brasil em março de 1998. A letra da canção menciona jogadores da época, como Pelé e Tostão, e faz uma pequena reflexão filosófica sobre a perfeição, sugerindo, metaforicamente, que “a perfeição é uma meta defendida pelo goleiro que joga na seleção”. Posteriormente, Afonsinho formou-se em medicina e hoje é um médico aposentado que mantém uma ONG que auxilia crianças de rua.

Disponível em: <<http://mod.lk/meiode>>.

Fio Maravilha, de Jorge Ben Jor (letra e música).

Homenagem que o cantor e compositor Jorge Ben Jor (na época, Jorge Ben), torcedor do Flamengo, fez ao centroavante do clube no início dos anos 1970, Fio, que depois passou a ser chamado de Fio Maravilha por causa da música.

Disponível em: <<http://mod.lk/maravilh>>.

## ★ ARTIGOS/ CRÔNICAS ↘

BEZERRA, Elvia. O centroavante Paulo Mendes Campos. Por dentro dos acervos. Instituto Moreira Salles (IMS), 14 jul. 2014.

Neste artigo, Elvia Bezerra narra as aventuras do menino Paulo Mendes Campos, que depois se tornaria um dos grandes cronistas e escritores brasileiros, pelos campos de futebol.

Disponível em: <<http://mod.lk/centroav>>.

CAMPOS, Paulo Mendes. O Botafogo e eu. *Portal da Crônica Brasileira*, s.d. *Manchete*, 25 ago. 1962.

Nesta crônica, o escritor Paulo Mendes Campos conta um pouco da sua experiência como torcedor do Botafogo de Futebol e Regatas, um dos grandes clubes do futebol carioca e brasileiro.

Disponível em: <<http://mod.lk/botafogo>>.

## ★ REPORTAGENS ↘

ASSUMPÇÃO, João Carlos. Cansei de sofrer e nunca mais fui a um estádio. *Folha de S.Paulo*, 17 out. 1999.

Neste artigo, o jornalista João Carlos Assumpção conta como e por que o escritor Moacyr Scliar se decepionou com o futebol a ponto de nunca mais pôr os pés em um estádio.

Disponível em: <<http://mod.lk/cansei>>.

## ★ LIVROS ↘

BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Nesta obra, o sociólogo polonês, criador do conceito de vida líquida, na qual, na atualidade, as coisas se metamorfoseiam ao sabor dos modismos e do consumismo, trata das possibilidades de uma vida ética em um contexto em que não há referências seguras.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo – A transformação das pessoas em mercadoria.* Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Neste livro, o sociólogo polonês volta a um de seus principais temas, a transformação das pessoas em produto e mercadoria, em uma releitura original das teses de Marx.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

O antropólogo brasileiro Roberto DaMatta promove um encontro dos brasileiros

com eles mesmos, naquilo que têm de mais genuíno e espontâneo, entre vícios e virtudes, qualidades e defeitos, em um verdadeiro inventário que nos mostra os fundamentos da nossa identidade.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos.* Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Fugindo à abordagem existencialista, o sociólogo alemão Norbert Elias enriquece e aprofunda a discussão sobre a morte, um dos temas tabus da cultura ocidental.

FERRY, Luc. *A inovação destruidora – Ensaio sobre a lógica das sociedades modernas.* Trad. Vera Lucia Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

Nesta obra, o filósofo francês contemporâneo Luc Ferry trata do conceito de “destruição criadora” – que ele prefere chamar de “inovação destruidora” – para analisar os aspectos do capitalismo contemporâneo.

## ★ ENTREVISTAS ↘

ARGOLO, André. Enquanto o tempo sou eu. *Rascunho*, edição 212, dez. 2017.

Entrevista com o crítico literário inglês James Wood, radicado desde os anos 1990 nos Estados Unidos, autor de *Como funciona a ficção* e de *A coisa mais próxima da vida*, professor na Universidade de Harvard e ensaísta da revista *The New Yorker*. Na entrevista, Wood mostra sua definição de engajamento na literatura e salienta seu comprometimento com o presente (“somos este tempo aqui, não outro”), em respostas carregadas de citações eruditas e literárias, que transformam a conversa em uma aula magna sobre literatura, escritores e os elementos da ficção.

Disponível em: <<http://mod.lk/andrear>>.

# BIBLIOGRAFIA COMENTADA

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

Coletânea de obras clássicas que estão na origem dos estudos literários sobre a ficção e seus elementos de composição.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Neste livro, Harold Bloom, um dos principais críticos literários da contemporaneidade, convida o leitor a uma saborosa viagem por grandes obras da literatura universal, como *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, *Crime e castigo*, de Dostoiévski, *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *Hamlet*, de Shakespeare, entre muitas outras.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, s.d. (Série Debates: Literatura)

Ensaio de Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes, importantes nomes na formação de sucessivas gerações de estudantes de Letras e de Artes. A obra traz atualidade nas análises e na discussão crítica das modernas leituras estéticas, que tocam campos do saber como a linguística e a filosofia, entre outros.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

O que é um círculo de leitura? É um grupo de pessoas que se reúne com o objetivo de discutir a leitura de uma obra em um lugar qualquer – na escola, na biblioteca, em cafés ou livrarias, na casa de amigos e até mesmo em discussões *on-line*. Nesta obra, Rildo Cosson, professor na área de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta uma proposta de organização e de

funcionamento de um círculo de leitura. Ele orienta e fornece embasamento para a criação de atividades que possam auxiliar educadores e leitores, ampliando a grande diversidade de interesses que existe na atividade de leitura, e convida o leitor a formar o seu próprio círculo de leitura.

COSSON, Rildo. *Letramento literário – Teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

Obra voltada para professores que buscam fazer do letramento literário uma atividade significativa para si e para os estudantes. No livro, o autor e professor Rildo Cosson, do Departamento de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mostra como reformular, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura no ensino básico para além das práticas usuais. Ele também analisa a relação entre literatura e educação, propondo a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugerindo oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento literário, orientando, assim, a produção de sequências de atividades com foco na leitura literária.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Seis conferências de Umberto Eco ministradas na Universidade de Harvard, em 1993, sobre o texto de ficção, leitura, leitores e literatura.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Estudiosa das questões que envolvem a interdisciplinaridade desde os anos 1970, formada pela USP, mestre em filosofia da educação pela PUC-SP e doutora em antropologia cultural pela USP, a professora Ivani Fazenda acredita que “ao buscar um saber mais

integrado e livre, a interdisciplinaridade conduz a uma metamorfose que pode alterar completamente o curso dos fatos em Educação; pode transformar o sombrio em brilhante e alegre, o tímido em audaz e arrogante e a esperança em possibilidade”.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. (Coleção Teoria Literária)

Obra dirigida aos pesquisadores em teoria literária e da arte, aos professores e estudantes de literatura e a todos os amantes da literatura. Discorre sobre a arte literária e seus elementos de formação.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

Obra que reúne textos que tratam do processo de constituição da identidade pela leitura, recuperando vivências permeadas de afetividade que têm em comum o resgate do prazer do convívio com os textos literários.

MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna, 2012.

Cinco ensaios em que a escritora Ana Maria Machado discorre sobre literatura, literatura infantojuvenil, poesia e o seu processo de criação literária com base em sua trajetória de mais de cinco décadas como escritora, educadora, intelectual e jornalista.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Ler é quase sempre uma atividade solitária, que implica, paradoxalmente, uma abertura para o outro. Nesta obra, a antropóloga Michèle Petit discorre sobre as múltiplas dimensões envolvidas na experiência da leitura.

RODRIGUES, Sérgio. *O homem que matou o escritor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Selo Objetiva)

A obra parte da premissa de que, se todas as histórias do mundo já foram escritas, é hora de “matar o escritor”. Por meio de seus requintados contos, o autor sugere as novas tendências literárias do século XXI (a obra foi lançada no ano 2000): “vertiginosa como a vida urbana; afiada como uma memória RAM; reflexiva, como esses dias de cão; chula e erudita, dominando todas as situações; humorada, porque sem a graça a vida é muito chata”. Embora composto por contos, o livro de Sérgio Rodrigues pode ser enquadrado em várias outras categorias, como policial, metalinguístico, drama, comédia e farsa.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. São Paulo, Perspectiva, 1996. (Série Debates: Crítica)

Com base no tema da ambiguidade humana, Anatol Rosenfeld, um dos maiores críticos brasileiros, revela as conexões entre a literatura, o teatro, a poesia, o cinema e a pintura, estabelecendo painéis críticos que ainda hoje impressionam por sua originalidade e inovação.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)

Nesta obra introdutória ao tema, a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Angélica Soares retoma a discussão iniciada por Platão e Aristóteles na Antiguidade grega sobre os gêneros literários e a natureza da obra literária, seja ela a epopeia, o conto, a crônica, o ensaio, a novela, perpassando as formas dramáticas (tragédia, comédia e drama) e contemplando as recentes rupturas de paradigma trazidas pelo advento do pensamento pós-moderno nas letras e nas artes.

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura – Uma experiência com crianças de meios iletrados*. Campinas/SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1995.

A autora relativiza a ideia de que toda criança, ao chegar à escola, já traz consigo um conhecimento sobre a escrita – segundo ela, é preciso considerar a sua origem familiar e social e modular o aprendizado e a construção da leitura.

TEZZA, Cristóvão. *O espírito da prosa – Uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Cristóvão Tezza, romancista e ensaísta brasileiro contemporâneo, faz nessa obra uma autobiografia com foco em sua formação como escritor e nas subjetividades que cercam o ofício de escrever.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Todorov faz a crítica do ensino de literatura na atualidade, baseado no formalismo-estruturalismo, ao mesmo tempo que defende a leitura e a literatura como campos de aprendizado e de formação humana.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 3. ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Perspectiva, s.d. (Série Debates: Literatura)

Obra de grande utilidade para quem estuda literatura, apresenta as teses dos formalistas russos e do estruturalismo linguístico, fornece ao leitor ferramentas para descobrir as estruturas subjacentes nas narrativas, trazendo reflexões da ótica da linguística contemporânea.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.

Professor de crítica literária na Universidade de Harvard e conhecido por seus brilhantes ensaios na revista *The New Yorker*, nesta obra o inglês James Wood (radicado desde os anos 1990 nos Estados Unidos) esmiúça os meandros da ficção e questiona os limites entre artifício e verossimilhança, entre outros elementos fundamentais do texto ficcional.

(Todos os links de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 23 out. 2020).